



ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS COMO ESPAÇOS MUSEOGRÁFICOS

TÂNGARI, Vera Regina

Arquiteta, Mestre em Desenho Urbano - The University of Michigan, Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP, Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ, Docente e pesquisadora do PROARQ
Email: vtangari@uol.com.br

Resumo

Este trabalho visa contribuir para a análise do desenho da paisagem através do estudo de uma de suas manifestações: a concepção dos espaços livres públicos. Afirma-se que essa é uma das categorias espaciais prementes das transformações culturais da sociedade e da relação homem x natureza, quando analisada em meio urbano, defendendo-se a importância museográfica dos espaços livres públicos e de seus registros temporais, dada à leitura cotidiana de suas transformações e de suas relações com a cidade e com a arquitetura nela existente. Parte-se de um estudo evolutivo dos tipos de espaços livres, dentro da tradição ocidental, e aprofunda-se a análise para o caso do Rio de Janeiro, relacionando temporalmente as transformações, ocorridas na cidade desde o século XVIII, e buscando destacar as referências e os modelos, gerados a partir das matrizes externas, como forma de registro das transformações de nossa cultura urbana, moldada a partir dessas influências externas, adaptados ao nosso meio tropical.

Abstract

This paper contributes to the urban design study, through the analysis of one of its manifestations: the public open spaces design. This category is deeply impregnated by the cultural transformations of society and by the interaction between man x nature, in the urban environment. The paper points out the importance of the public open spaces and their time traces, seen as "museum-graphic" assets, due to the daily perception of their changes and of their relationship with the city and its architecture. We start by an evolutive and typological study of the open spaces design, in the occidental tradition, and continue by focusing the Rio de Janeiro case, by relating the urban transformations, since the XVIIIth century, to the external references and design models, as a tentative systematization of our urban culture changes shaped by these external influences, adapted to our tropical environment.

1. INTRODUÇÃO: ANTECEDENTES PARA A FORMAÇÃO DE PADRÕES PAISAGÍSTICOS

O processo histórico de formação da paisagem cultural do Homem baseia-se na composição de temas, arquétipos, modelos e tipos de constituição de paisagem, que respondem a requisitos formais, funcionais e estéticos almejados coletivamente por determinado grupo social. Desde a Antiguidade, podemos reconhecer modelos espaciais que se sobrepuseram, chegando normatizados e processados até as cidades contemporâneas, sob a forma de arquétipos de espaços (livres e construídos) e de leis e regulamentações urbanísticas. O desenvolvimento da história da paisagem ocorreu em paralelo à evolução arquitetônica e contribuiu para a caracterização e distinção das sociedades¹.

Por ser um produto cultural, a paisagem das cidades é o resultado de duas lógicas que se complementam: a físico-espacial e a social. O Homem, ao configurar o seu assentamento, modifica o ambiente, transforma o território e, em consequência, adapta os espaços para essas transformações de caráter cultural, relacionadas, da Antiguidade até o Renascimento, à religião e à filosofia, e, a partir da Era Industrial até nossos dias, à produção e à informação.

A ação edificatória através da arquitetura e da modificação da paisagem é o principal produto da relação entre a lógica do espaço e a lógica da sociedade, contribuindo para a caracterização da evolução da Humanidade: a lógica do suporte físico é condicionada pelas leis da natureza; a lógica do suporte social é regulada, por sua vez, por um sistema de normas, responsáveis por definir o papel dos principais agentes de produção do espaço edificado: o setor público e o setor privado.

Nas cidades, o primeiro regulamenta o segundo, promulgando as leis e ordens urbanísticas e arquitetônicas, que — acordadas pelas duas partes, já que são fruto do mesmo sistema cultural — definem a organização do solo público e o aproveitamento do solo privado através do traçado, da disposição das ruas, quadras e lotes, da volumetria e forma básica dos edifícios, da delimitação de espaços não edificados e da sua destinação, da imagem e característica dos espaços públicos e de seu tratamento².

Até meados do século XIX, o desenho das cidades e sua ordenação interna estavam condicionados a preceitos de caráter funcional (do ponto de vista das necessidades de ocupação, crescimento e organização de suas partes) e estético (do ponto de vista da geometria, visibilidade e relações volumétricas). A administração das cidades permanecia vinculada à força motriz do campo e de seu sistema político e econômico, com base nas atividades agropastoris. A Revolução Industrial rompeu essa hegemonia ao atrair, para o território da cidade, os interesses políticos e econômicos da crescente burguesia mercantilista, desencadeando, desta forma, o estabelecimento de novas relações sociais.

No que concerne à arquitetura e ao urbanismo, o século XVIII moldou as bases culturais da sociedade atual, estando presentes nesse período as raízes de todos os desdobramentos que, mais tarde, definiriam a modernidade urbana. Em termos de desenho e regulamentação das cidades, o século XIX trouxe à tona correntes que se opunham ou se repetiam, deixando claras as influências, para a cidade ocidental, da filosofia iluminista, que hegemonicamente buscava repensar e reformar as cidades através da racionalização de novos comportamentos sociais e de novos espaços especialmente concebidos para os mesmos.

Teorias, planos, projetos ou obras (utópicos, visionários ou concretos) surgiram de origens profissionais diversas, em várias cidades da Europa, e procuraram explicar, corrigir ou formular novos desenvolvimentos espaciais. Essas proposições foram posteriormente levadas a países em outros continentes, aproximando os modelos de cidades e de partes de cidades que surgiram a partir de então.

¹ Geoffrey e Susan Jellicoe afirmam a importância de analisar o passado na busca por antecedentes que explicam e justificam a criação humana, atribuindo, à arte e à paisagem, o papel de registrar as visões e impressões, coletivas e individuais, sobre o Mundo. Em JELICOE, Geoffrey e Susan. *The landscape of man*.

² Silvio Macedo aprofunda a noção de "processamento" e "transformação" do ambiente pela sociedade humana através das diversas formas e intensidades de urbanização. Em MACEDO, Silvio. *Paisagem, Urbanização e Litoral*, p.18.

Trazendo essa análise para o caso da cidade do Rio de Janeiro, podemos citar, como importantes referências, os projetos e planos que influenciaram diretamente e indiretamente o seu desenvolvimento urbano e, portanto, paisagístico:

- O Plano de Haussmann para Paris, inspirado no Plano de Sixtus V para Roma, reforçou, através da reformulação de ruas e praças e da criação do conceito da “avenida-bulevar”, o papel dos espaços públicos como os principais elementos de articulação espacial. Esse foi o modelo para o Plano de Remodelação elaborado por Pereira Passos para o Rio, no início do século XX, causando profundas modificações na estrutura da área central e bairros periféricos.

- Os parques franco-ingleses foram o modelo utilizado pelo paisagista francês Glaziou para a implantação, entre meados e final do século XIX, de uma série de espaços livres na cidade, tais como o Passeio Público, o Campo de Santana e a Quinta da Boa Vista, também cercados, à época de sua construção, por vizinhança residencial.

- Os empreendimentos imobiliários ingleses, pautados no sucesso dos parques públicos (como o St. James Park, em Londres, o Victoria Park, em Manchester, e o Birkinhead Park, em Liverpool), utilizaram-se dessa nova tipologia de espaço como elemento de valorização do solo privado urbano, sendo responsáveis pela introdução do conceito do *jardim dentro da cidade*. No caso carioca, temos os antecedentes da Quinta da Boa Vista e do Parque Guinle e seus reflexos no entorno residencial dos bairros de São Cristóvão e Laranjeiras, respectivamente.

- O Plano de Ildefonso Cerdá para Barcelona conservou o traçado original da cidade gótica, propondo, para seu entorno, o quadriculado de quadras uniformes interrompidas por dois eixos estruturadores em diagonal e integrando, de forma harmônica, como Haussmann em Paris, arquitetura e desenho urbano. Encontramos, no Plano Agache, elaborado para o Rio de Janeiro, na década de 30, algumas características similares ao Plano de Barcelona, principalmente no que se refere à implantação dos lotes nas novas quadras propostas e à relação dos edifícios nos lotes.

- Os conceitos emanados dos modelos de “cidades-jardim” e do *City Beautiful Movement*, que, ao basear-se no modelo da *cidade dentro do jardim*, introduzido desde o início do século XIX, estão presentes no conceito dos subúrbios americanos e europeus e no desenho de cidades inteiras, tais como Welwyn e Milton Keynes (na Inglaterra) e Goiânia, Brasília e Palmas, no Brasil. No Rio de Janeiro, encontramos esse modelo no projeto do loteamento que gerou o bairro da Urca e na concepção da ocupação da Barra da Tijuca.

2. OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: UM ESTUDO DA EVUÇÃO TIPOLÓGICA

2.1. A evolução ocidental da arquitetura dos espaços livres públicos urbanos na virada do século XX

A partir de meados do século XIX, a rua arborizada, a praça ajardinada e o parque bucólico compuseram o sistema principal de espaços livres das cidades ocidentais, ampliando suas funções básicas de circulação, comunicação e sociabilização e constituindo-se em elementos principais de articulação entre o edifício e a cidade e entre os volumes construídos e os não construídos. Essa relação foi ilustrada nos planos das reformas de Paris e de Barcelona e no projeto da Ringerstrasse de Viena, nos quais as arquiteturas dos prédios, da cidade e da paisagem fundiram-se, compondo conjuntos de grandes efeitos paisagísticos.

No século XX, a cidade de concepção modernista, realizada sob formas diversas, neutralizou as relações entre o lote urbano e a rua e entre o edifício e o seu entorno construído, elementos estes que, durante os séculos XVIII e XIX, estiveram estreitamente integrados. Ao difundirem-se, no início do século XX, os conceitos românticos — inspirados pela linguagem dos parques bucólicos — do *jardim dentro da cidade* e da *re-introdução da cidade no campo*, os ingleses criaram o ideal da *cidade dentro do jardim*, aplicado ao desenho de novos centros urbanos e subúrbios residenciais.

Contraopondo-se — em forma, mas não em conteúdo — à corrente romântica (ou culturalista), a corrente racionalista (ou progressista), representada por Le Corbusier, inventou uma nova estrutura urbana ao propor o conceito da unidade de vizinhança e o traçado da superquadra. Os edifícios desvincularam-se da rua e foram circundados por jardins sem delimitações, implantação possível através da utilização do pavimento elevado sobre pilotis.

Essa corrente re-inventou outros tipos de tecido urbano, através da utilização do edifício vertical³. Como exemplo brasileiro, as superquadras de Brasília concretizaram esse novo modelo através da implantação, na quadra, dos edifícios em pilotis e da existência de amplos espaços livres entre eles. (Figura 1).

Figura 1 -Superquadra em Brasília.



Foto da autora, 1996

Ao adotar a unidade de vizinhança, a superquadra e o edifício alto, os arquitetos passaram a subdividir o espaço da cidade entre a volumetria do construído e o vazio do não construído. Segundo as formulações definidas pelo CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), através da Carta de Atenas, a cidade deveria ser planejada prevendo-se, quantitativamente e obrigatoriamente, áreas “verdes” para lazer e recreação, para a higiene e para o bem-estar, sem uma preocupação maior seja com o programa e distribuição dessas áreas, seja com sua relação formal com o conjunto urbanístico do qual fazem parte.

À exceção de poucos casos como Brasília, os modelos modernistas nunca foram implantados em sua totalidade, podendo só ser parcialmente avaliados. Na cidade convencional, no desenho da paisagem contemporânea, perdeu-se a relação entre a arquitetura do edifício e a do espaço circundante, relação esta que, nos arquétipos urbanísticos dos povos antigos, clássicos, medievais e renascentistas, havia se mostrado sempre bastante eloquente.

Atualmente, o desenho da cidade contemporânea segue, por espontaneidade e devido à sua própria dinâmica — difícil de se controlar e prever —, uma lógica particular, que mescla trechos de cidade tradicional a setores projetados segundo preceitos modernos. As cidades brasileiras mais antigas, como Rio de Janeiro, Recife, Salvador, dentre outras, conservam, em certos trechos, estruturas fundiárias de padrões coloniais, preponderantes até as décadas de 50 e 60 deste século, quando, então, introduziram-se os princípios do moderno urbanismo em seus novos bairros.

Os modelos gerados a partir da independência do edifício em relação ao seu entorno levaram à dissociação entre o projeto do edifício e o projeto do espaço livre circundante, este último previsto para ser extensivo em dimensão e livre em forma. Desta maneira, a partir de meados do século XX, nas cidades brasileiras, passou-se a desenhar separadamente o edifício e a rua, a quadra e a praça, o parque e o jardim. Mesclaram-se padrões urbanísticos vigentes até meados deste século a modelos mais recentes, oriundos de princípios racionais, e embutidos nos códigos e normas de legislação, visando organizar a cidade do ponto de vista funcional.

Nas cidades brasileiras, de modo geral, o peso e a incidência dos espaços livres no meio urbano qualificam o ritmo de conformação desse meio, tanto em termos de arranjo espacial como de distribuição, configurando formas espaciais muitas vezes específicas a cada contexto e escala de urbanização.

³ Bacon destaca a desvinculação entre arquitetura do edifício e a do espaço urbano moderno, presente nos projetos de Le Corbusier para Paris e Chandigarh, e a define como uma posição contrária ao princípio histórico da cidade. Em BACON, Edmund. *Design of Cities*, p. 231-232.

Com base na identificação dos diversos tipos de espaços livres e de sua distribuição no meio urbano, do grau de interrupção do *continuum* edificado e do nível de vinculação entre esse *continuum* e os espaços não edificados, é possível delinear o ritmo de conformação da paisagem de uma cidade, ou de parte dela, e o grau de adequabilidade dessa paisagem ao perfil de urbanização existente⁴.

Desta forma se consolida a leitura museográfica da cidade, em seu todo e em suas partes, feita parcialmente através dos espaços livres públicos que permanecem, conjugados ou não, às arquiteturas à sua volta.

2.2. Tipos remotos e recentes — dos campos agrícolas e jardins suspensos à Disneylândia e eco-museus

a) Tipos remotos: os jardins e as praças

As origens dos diversos tipos de espaços livres refletem a evolução da relação homem-natureza como imagem de um mundo idealizado, desde a remota era agrícola até os mais recentes desenvolvimentos industriais. A manipulação da paisagem surge, no desenvolvimento da civilização humana, junto com a escrita e com o convívio social, criando e recriando novos e velhos mitos que caracterizam as culturas orientais e ocidentais⁵.

Em termos históricos, encontramos origens bastante remotas para a existência dos **jardins**, que antecedem a existência das **praças**, principalmente quando considerado seu uso inicialmente privado. A utilização residencial e particular do jardim, em oposição ao acesso e utilização pública da praça, coloca esses dois tipos de espaços em relação antagônica, desde as suas versões mais antigas até os modelos recentes. As praças, originalmente sem vegetação, modernizaram-se, a partir dos séculos XVI, XVII e principalmente XIX, quando incorporaram elementos dos jardins particulares: os canteiros ajardinados e a utilização intensa da arborização. Em paralelo a esse processo, ocorreu, nesse período, a proliferação de novos tipos de espaços livres urbanos, tais como os jardins botânicos, os passeios e parques públicos.

A diferenciação entre os tipos de espaços livres na cidade é encontrada também na sua distribuição no tecido e na conjugação com a arquitetura. O jardim se relaciona diretamente com o edifício, no tocante às suas dimensões e ao seu desenho. As praças e os parques, por sua vez, se articulam com a cidade e são a ela integrados devido ao caráter coletivo e ao significado social que possuem, estando suas configurações condicionadas ao conjunto urbanístico onde se inserem. As figuras mais imediatas que nos vêm à mente, quando imaginamos os espaços da praça, do jardim e do parque, demonstram a associação de idéias com imagens arquetípicas desses espaços, difundidas através do tempo pela literatura e artes plásticas⁶.

Diversos autores fazem referência à existência de jardins privados, na Mesopotâmia, desde 3000 anos a.C. Registros de textos evocam os jardins de palácios em que os soberanos organizavam banquetes e cerimônias e de templos, onde eram cultivados legumes e frutas⁷. Divergem, desse espírito privado e fechado, a **ágora** grega e o **fórum** romano, pois constituíam a essência — que influenciou o desenvolvimento da praça ocidental — do espírito público e aberto.

Entre o espaço secreto e sagrado dos mosteiros (*l'hortus conclusus*) e o espaço paradisíaco e profano dos palácios (*l'hortum deliciarum*), oscilou a essência do jardim medieval no Ocidente. Esta dicotomia perdurou até meados do século XVII, quando, a partir dos ideais iluministas, o desenvolvimento do jardim renascentista, artefato de criação não apenas utilitária como também artística e poética, exprimiu seu triunfo e rigor de geometria e amplitude nos jardins barrocos franceses⁸. A publicação da obra de André Mollet, intitulada “Le Jardin du Plaisir”, é citada por Debié como o marco de separação entre o jardim de cultivo (*negotiatum-utilitas*) — espaço reservado para a produção de alimentos e ervas medicinais, legado da Idade Média — e o jardim de deleite (*otium-voluptas*) —

⁴ Miranda Magnoli analisa a vinculação do espaço livre em relação ao espaço construído utilizando critérios de permeabilidade, contigüidade, penetração e acessibilidade MAGNOLI, Miranda M. *Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*, p. 55-69.

⁵ O historiador Simon Chama registra a relação entre os mitos da natureza e a memória da civilização ocidental, destacando sua importância na formação cultural da sociedade. Em SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*.

⁶ Saldanha destaca a associação de idéias e imagens correlatas à praça e ao jardim. Em SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça.*, p. 14.

⁷ VAN ZUYLEN, Gabrielle. *Tous les jardins du monde*, cap. 1. Ver também: SCHAMA, Simon. *Op. cit.*, p. 17 e 24 e LAURIE, Michael. *Introducción a la arquitectura del paisaje*.

⁸ VAN ZUYLEN, Gabrielle. *Op. cit.*, cap. 2.

espaço, para a contemplação e destinado à realização de jogos e festas e ao plantio de vegetação ornamental, onde a presença de árvores para sombreamento é constante⁹.

A diferenciação perdura nos espaços residenciais até nossos dias, através da distinção entre o quintal — espaço reservado à família para horta e pomar — e o jardim frontal — para embelezamento e apreciação.

Enquanto os jardins privados medievais se fechavam a usuários e ritos específicos, oriundos das classes dominantes (clero e aristocracia), as praças se abriam ao cotidiano de cidadãos comuns, que as buscavam para atividades religiosas, comerciais ou, ainda, para festividades populares, como descreve Segawa¹⁰.

Segundo Paul Zucker, durante a Idade Média o espaço da praça se especializou em formas e funções diferenciadas, surgindo as praças de mercado, as praças de entrada, as de centro de cidade, as de igreja e as agrupadas (como as de mercado e igreja), todas elas espacialmente relacionadas na trama urbana¹¹.

Em relação aos espaços livres de uso comunitário, o século XVII marcou o fortalecimento do conceito de **jardim público**, que se originou a partir da praça e das profundas transformações culturais que marcaram o período de transição entre a Idade Média e o Renascimento e se refletiram na forma, dinâmica e configuração das cidades. Antítese da praça medieval, em termos de uso, programa, situação urbana, traçado, regulamentação, comportamento, frequência e perfil de usuários, os jardins públicos evoluíram a partir de dois temas básicos: dos **jardins privados italianos**, idealizados para as *villas* residenciais pelos arquitetos da renascença, durante o século XVI, e dos **jardins palacianos franceses**, do século XVII. A abertura à população de ambos os tipos de jardins, reservados de início ao rei e à nobreza, transformou a rotina cotidiana das cidades europeias, conformando os espaços públicos mais importantes da época¹².

b) Tipos recentes: jardins botânicos, squares, parques, orlas marítimas e os eco-museus

As transformações culturais decorrentes da passagem da Idade Média para a Era Moderna induziram a modificações nos tipos de espaços livres públicos existentes e ao surgimento de novos tipos, para melhor responder a novas demandas e valores sociais. Como reflexo das iniciativas, por parte dos governantes, de abertura de espaços livres ao público, surgiram na Europa, durante o século XVII, programas específicos de espaços, como os de **jardins botânicos, squares e parques públicos**.

Voltados às atividades de catalogar, ordenar e registrar os diversos espécimes vegetais, os **jardins botânicos** foram criados em função da valorização do conhecimento científico sobre o elemento vegetal. Quando abertos à população, a partir do século XVII, esses espaços passaram a participar do sistema de espaços públicos das cidades.

As *squares*, cujo programa corresponde a praças ajardinadas e enclausuradas, com acesso restrito a partir das residências de seu entorno, surgiram em Londres como resultado de obras de urbanização promovidas pela iniciativa privada para valorizar propriedades particulares. Foram posteriormente difundidas em outras cidades europeias, ganhando ênfase com a sofisticação do plantio vegetal¹³.

Os **parques públicos** ingleses representaram a inovação cultural mais importante da cidade moderna, no tocante à modernização dos espaços livres públicos, incorporando uma série de inovações em termos de desenho, programa e tecnologia. A influência dos jardins e parques públicos ingleses espalhou-se por toda a Europa, constituindo-se em novo modelo e padrão de costumes sociais para a elite urbana das principais capitais, podendo ser considerados, em determinados casos, como os precursores dos atuais parques temáticos, como os da Disney e similares.

Durante o século XVIII e principalmente XIX, o sucesso obtido com a introdução dos novos tipos de espaços públicos nas principais capitais mundiais fez reforçar a vanguarda da escola paisagística inglesa, que aprofundou a

⁹ DEBIÉ, Franck. *Jardins de capitales*.

¹⁰ SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público*, p. 32-34.

¹¹ Para o aprofundamento dos arquétipos de praças, ver: ZUCKER, Paul. *Town and Square: from the agora to the village green*.

¹² Miranda Magnoli cita como primeiro jardim público ocidental o passeio que dá acesso ao Teatro de Pompéia, em Roma, no ano 55 a.C. Em MAGNOLI, Miranda M. *Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*, p.5.

¹³ GIEDION, Sigfried. *Espacio, tiempo y arquitectura*, p. 444.

valorização emblemática da natureza, na concepção do espaço externo. Essa nova forma de projetar fez romper as tradições de ordenação geométrica e disciplina espacial, vigentes na filosofia paisagística ocidental, até então.

A Revolução Industrial indiretamente induziu à adoção de novas formas de produção e moradia, através da exaltação do “natural” e do “bucólico”, na paisagem das cidades. A utilização desse modelo foi uma forma de compensar o rápido crescimento industrial e espacial das capitais européias, cujo meio urbano começava a experimentar as primeiras consequências negativas da urbanização: adensamento populacional, falta de infra-estrutura e saneamento básicos, insalubridade e epidemias.

Os ingleses foram os primeiros a mesclar ideais da pintura pitoresca às influências dos jardins orientais, principalmente as do jardim chinês do século XIV. A assimetria, a sinuosidade, a aparente indeterminação de caráter e a atmosfera de solitude e de isolamento foram elementos marcantes, utilizados na concepção de espaços livres, principalmente, na dos parques públicos, que passaram a ser uma categoria emergente na Inglaterra a partir do início do século XIX. As novas tecnologias somaram-se ao repertório pictórico. Elementos construídos, como pavilhões de exposições, viveiros de flora e fauna, aquários, fontes e chafarizes, conferiram aos parques do século XIX o papel de centros de recreação, de difusão do conhecimento e da produção científica, precedendo não apenas aos parques de diversão do século XX, como também às feiras e mostras internacionais.

A proliferação dos parques, a sofisticação no seu equipamento e programação, a diversificação do plantio vegetal, a incorporação da estética oriental e a frequência assídua dos moradores de classes de renda mais alta foram aspectos que transformaram os parques ingleses e franceses no padrão de projeto para uma série de espaços públicos, implantados também nas Américas. Glaziou, no Rio de Janeiro, com o Campo de Santana, e Olmstead, em Nova Iorque, com o Central Park, são exemplos paradigmáticos de profissionais que trabalharam sob essa influência. (Figuras 2 e 3)

Figura 2 - Central Park em litografia de John Bachmann, 1863



Fonte: Vannucchi, 1996

Figura 3-Campo de Santana



Foto: Silvio Macedo, 1999-Arquivo PUZN

Apenas posteriormente, no século XX, com a incorporação das orlas ao sistema de espaços livres urbanos, observou-se, na paisagem das cidades, uma transformação proporcional, em escala e importância, à criação dos parques públicos.

A **orla marítima** passou a integrar o conjunto de espaços livres das cidades costeiras a partir do final do século XIX e o início do século XX, sendo, ainda, relevante observar que tal integração acarretou grandes mudanças nos hábitos e costumes sociais das cidades de orla. A percepção da paisagem dos oceanos entrou para o repertório estético da civilização ocidental nos séculos XVII e XVIII, facilitada pelos avanços da navegação e pela pintura holandesa de cenas marinhas no século XVI¹⁴.

Assim como o mar foi conquistado e apreciado como local de deleite e contemplação, novos espaços foram criados para sua observação: os belvederes, as marinas, as esplanadas e os terraços. Na Itália, na Holanda, na Espanha, na Inglaterra e na França, surgiram, durante o século XVIII, diversos espaços destinados à contemplação da orla

¹⁴ SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público*, p. 91-92. Para aprofundar o tema da paisagem marítima e do olhar sobre o mar, ver: CORBIN, Alain. *O território do vazio*.

marítima. A disseminação da pintura paisagística levou à sistemática retratação de panoramas e de cenas de exaltação da natureza, prática importante para o registro da vida nas colônias européias na América. No caso brasileiro, a iconografia produzida por um grande contingente de pintores viajantes permitiu a retratação dos hábitos e costumes locais, assim como a ambientação natural existente, na qual se destacava a presença do mar¹⁵.

Paralelamente à retratação da paisagem, a destinação de espaços para sua observação também ocorreu nesse período no Brasil. O Passeio Público do Rio de Janeiro, inaugurado em 1783, teve como tema a concepção de um espaço especialmente destinado à contemplação do mar, com o terraço, na extremidade oposta à entrada principal, possibilitando a apreciação da paisagem de parte da Baía da Guanabara. A Praça XV, cuja origem remonta a 1686, também se debruçava sobre a baía. Tinha, entretanto, objetivos diretamente ligados à função de cais: a atracação de barcos e a descarga de mercadorias.

O hábito dos banhos de mar, de início relacionados a tratamentos de saúde, foi introduzido no final do século XIX e início do século XX, passando, em meados desse século, a ser considerado como a atividade de recreação mais intensamente procurada nas cidades costeiras e a contribuir para a urbanização das áreas litorâneas. O bairro de Copacabana representa para o Rio de Janeiro a confirmação, no início do século XX, da conquista da orla oceânica.

Nas últimas décadas do século XX, sob a influência das escolas de paisagismo americanas, correntes projetuais ligadas a **recuperação, regeneração e preservação ambiental de ecossistemas naturais**, influenciadas pelos princípios de ecologia da paisagem, moldaram tipos de espaços livres resultantes desses perfis de intervenção.

Dentre esses espaços, cabe ressaltar reservas e parques públicos criados em diversos países, inclusive no Brasil, onde se diferenciam as alternativas de programa e projeto, abrangendo desde a efetiva restauração de um ecossistema ameaçado, como, por exemplo, a definição de corredores ecológicos, até a simples reconstituição de cenários paisagísticos, onde pode-se conhecer os modelos e matrizes de fauna e flora nativos, originalmente instalados, surgindo daí o conceito dos eco-museus contemporâneos.

3. OS MODELOS HISTÓRICOS E A PAISAGEM CARIOCA: UM QUADRO COMPARATIVO

A comparação entre o caso do Rio e de outras cidades do Brasil e do mundo foi realizada, por período histórico, segundo as seguintes categorias de análise: imagens de referência; as ideologias urbanísticas e paisagísticas vigentes; os projetos dos espaços públicos mais importantes e seus autores; os tipos recorrentes de espaço, e as linhas de projeto predominantes.

Determinaram-se os períodos históricos de acordo com a sua importância em relação às transformações ocorridas: século XVIII; 1a e 2a metades do século XIX; século XX — 1a década; 2a e 3a décadas; 4a a 6a décadas; século XX -7a a 9a décadas e seu final.

Segundo as categorias analíticas descritas, foram descritos os modelos característicos de cada período. Com isso, relacionou-se a imagem almejada para cada cidade com as transformações ocorridas no desenho da paisagem, tendo em vista o projeto dos espaços públicos mais importantes.

Essa análise foi sintetizada nos quadros a seguir, sendo que os países e cidades selecionados, para compor o estudo comparativo com a cidade do Rio de Janeiro, foram aqueles que maior influência exerceram sobre a cidade, por período histórico.¹⁶

¹⁵ A exposição realizada no MASP-São Paulo, em 1994, apresentou a pesquisa sobre a importância dos pintores viajantes e da iconografia por eles produzida sobre o Brasil. Em BELUZZO, Ana Maria. *O Brasil dos Viajantes*.

¹⁶ Fontes: MANN, William. *Landscape Architecture*; FAUUSP. *O quadro do paisagismo no Brasil*; VAN ZUYLEN, Gabrielle. *Tous les jardins du monde*; BONECHI. *Art and History of Barcelona*; VANUCCHI, Marco. *Progettare con il verde/vol.IV*; BAROZZI, Jacques. *Guide de 400 jardins publics de Paris*; CERVER. Francisco A. *Parques temáticos*.

Quadro 1- Arquitetura, urbanismo e arquitetura da paisagem - século XVIII

SÉCULO XVIII	RIO	ITÁLIA	ESPAÑA	PORTUGAL	FRANÇA	INGLATERRA	EUA
URBANISMO	-Modelo luso-brasileiro -Melhorias urbanísticas -Sede de Vice-Reinado	Plano Sixtus V para Roma		Plano para reconstrução de Lisboa	Palácios de Governo	-Plano de Wren para Londres -Crescentes -Bairros residenciais com <i>squares</i> privados	-Planejamento de cidades -Palácios de Governo
PAISAGISMO	-Barroco/Neo-clássico -1º jardim público -Construção de monumentos, fontes e chafarizes	-Vilas/ palácios barrocos -Jardins renascentistas	-Influência moura -Pátios internos	-Barroco/Neo-classicismo -1º jardim público de Lisboa	-Barroco/Neo-classicismo -Jardins palacianos	-Neoclassicismo -Romantismo	Experimentação com paisagismo e desenho de jardins
ESPAÇOS PÚBLICOS	- <i>Passeio Público</i> - <i>Praça XV</i> (Figura 4)	- <i>Piazza San Pietro</i> - <i>Palazzo Reale - Caserta</i> - <i>Fontana di Trevi, Roma</i> - <i>Piazza del Popolo, Roma</i>	- <i>La Granja, Segovia</i>	- <i>Queluz, Lisboa</i>	- <i>Vaux-le-Vicomte</i> - <i>Versailles</i> - <i>Parc Monceau</i> - <i>La Bagatelle, Paris</i>	- <i>Bath</i> - <i>Hampton Court</i> - <i>Rousham</i> - <i>Bleinchheim</i> - <i>St.. James Park</i>	- <i>Palácio de Governo – Williamsburg Virginia</i> - <i>Jardim Botânico, Filadélfia</i> - <i>Plano de Washington</i>
AUTORES	-Mestre Valentim	-Bernini -Vanvitelli -Valle e Braci -Rainaldi	-Cartier/ Boutelet	-Robillon	-Le Nôtre -Carmentelle -Belanger	-James Woods -Irmãos Mollet -William Kent -Lancelot Brown	-Nicholson/ Spotswood -Bartram -Jefferson/ Lénfant
TIPOS DE ESPAÇOS	-Praça e jardins públicos -Monumentos -Largos e terreiros	-Praça cívica, fonte, monumento -Praça palaciana	-Pátio interno -Praça palaciana	-Praça cívica -Jardim público -Monumento	-Jardim infinito -Canteiro geométrico - <i>Parterre</i> -Boulevard	- <i>Square</i> -Jardim público -Parque romântico	-Palácio e sede de Governo
LINHA PROJETUAL	-Formalismo -Eixos e perspectivas visuais	-Formalismo -Dramaticidade barroco-maneirista	-Formalismo -Eixos e perspectivas visuais	-Formalismo -Eixos e perspectivas visuais	-Formalismo -Eixos e perspectivas visuais	-Final do formalismo -Início do Romantismo	-Formalismo -Eixos/ perspectivas visuais

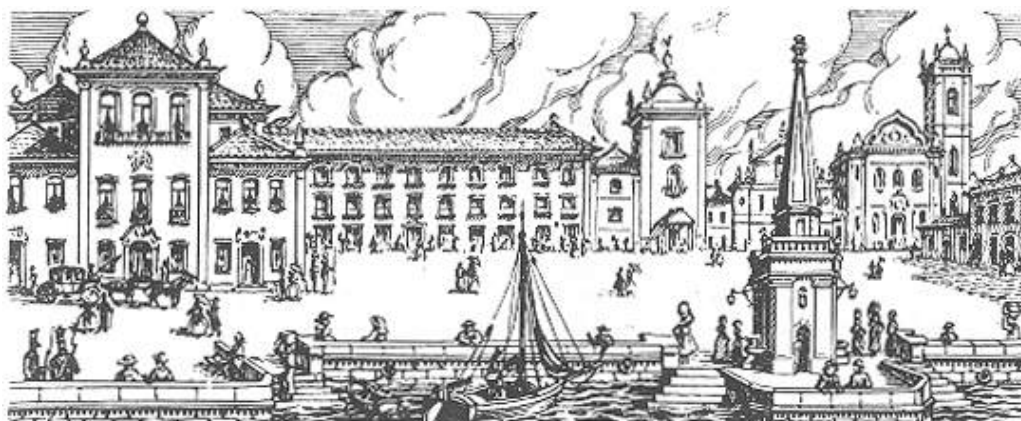


Figura 4 - A Praça XV na concepção de Mestre Valentim
Fonte: Coaracy, 1988

Quadro 2- Arquitetura, urbanismo e arquitetura da paisagem - século XIX - 1ª metade

SÉCULO XIX 1ª metade	RIO	BRASIL	ITÁLIA	FRANÇA	INGLATERRA	EUA
URBANISMO	-Primeiros planos urbanísticos neoclássicos -Bairro de São Cristóvão	-Ruas definidas por construções geminadas	Sistema de áreas verdes e remodelação de Florença	-Plano Haussmann para a reforma de Paris	-Urbanização pós-revolução industrial -A ferrovia e a rede de cidades -Parques públicos	-Rede de cidades - leste e meio-oeste -Urbanismo republicano
PAISAGISMO	-Classificação botânica -Largos, terreiros e quintais -Jardins públicos de concepção neoclássica -Paisagismo palaciano	-Classificação botânica: os primeiros hortos -Largos, terreiros e quintais	-Parques públicos românticos -Vilas neoclássicas	-Parques públicos românticos -Praças, <i>rond-points</i> e avenidas de concepção neoclássica	-Escola romântica inglesa -Garden style -Escola pitoresca	-Escola romântica -Experimentação com <i>landscape garden</i> -Classificação botânica
ESPAÇOS PÚBLICOS	- <i>Jardim Botânico</i> (Figura 5) - <i>Escola de Belas Artes</i> - <i>Casa da Alfândega</i> - <i>Quinta da Boa Vista</i>	- <i>Passeios Públicos de Salvador e Recife</i>	- <i>Villa Borghese</i> - <i>Plano de reestruturação urbanística de Florença</i>	- <i>Reforma de Paris</i> - <i>Arco do Triunfo</i>	- <i>Victoria Park</i> - <i>Regents Park</i> - <i>Prior Park/Bath</i> - <i>Sheffield Park</i> - <i>Bloomsbury Square</i> - <i>Birkenhead Park/Liverpool</i>	- <i>Univ. de Virginia</i> - <i>Brooklyn Botanical Garden</i> - <i>Mount Auburn</i> - <i>Boston Cemetery</i> - <i>Washington Mall</i>
AUTORES	Grandjean de Montigny		-Moore -Giuseppe Poggi	-Haussmann/ Alphand -Chalgrin	-Nash -Reptom -Brown -Paxton	-Jefferson -Parmentier -Bigelow/ Dearborn -Downing
TIPOS DE ESPAÇOS	-Jardim botânico -Jardim público	-Jardim botânico -Jardim público	-Parque romântico -Jardim público	- <i>Square</i> -Parque romântico - <i>Boulevard</i> -Avenida diagonal	-Crescente -Terraço -Parque romântico	-Jardim palaciano -Cemitério-jardim - <i>Campus</i> universitário
LINHA PROJETUAL	-Formalismo -Eixos e perspectivas visuais	-Formalismo -Eixos e perspectivas visuais	-Formalismo -Dramaticidade barroco-maneirista	-Formalismo -Eixos e perspectivas visuais	-Final do formalismo -Início do romantismo	-Formalismo -Eixos e perspectivas visuais



Foto aérea do Jardim Botânico

Foto: Silvio Macedo, 1999 – Arquivo PUZN



Planta do Jardim Botânico

Fonte: Quapá, 1997

Figura 5 – Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Foto: Silvio Macedo, 1999 – Arquivo PUZN

Quadro 3- Arquitetura, urbanismo e arquitetura da paisagem - século XIX - 2ª metade

SÉCULO XIX 2ª metade	RIO	BRASIL	ESPANHA	FRANÇA	INGLATERRA	EUA
URBANISMO	-Plano para melhorias urbanísticas/Cia. de Melhoramentos -Rua do Ouvidor e novos bairros: Glória/Laranjeiras/Catete/Flamengo/S.Cristóvão -Centro europeizado	-Modernização de Belém -Plano de Belo Horizonte -Bairros de elite em São Paulo: Higienópolis e Campos Elíseos	Plano de Barcelona/ Ildefonso Cerdá	-Feira internacional de Paris -Galerias comerciais -O Metrô	-1ª feira mundial de Londres	-Plano de Boston -Plano de Chicago -Sanitarismo urbano/Homestead Act-1862 -O Metrô
PAISAGISMO	-Romantismo -Glaziou e o paisagismo da Corte -Criação do Depto. De Parques e Jardins -Manual do Alphand	-Classicismo -Romantismo -Ajardinamento de largos e terreiros	-Romantismo	-Romantismo -Art Nouveau	-Romantismo	-Romantismo -Arquitetura paisagística -Movimento a favor dos parques urbanos
ESPAÇOS PÚBLICOS	-Reforma do Passeio Público e da Quinta da Boa Vista (Figura 6) -Campo de Santana -Parque S. Clemente - N.Friburgo -Floresta da Tijuca	-Passeios Públicos de Salvador e Recife	-Parc de la Cidadela e Arco do Triunfo/ Barcelona	-Bois de Boulogne -Parc de Buttes Chaumont	-Crystal Palace -Botanic Gardens	-Central Park/Nova Iorque -Chicago Riverside - -Berkeley Univ./LA -Stanford Univ./LA -Franklin PK/Boston -Emerald necklace/ Boston
AUTORES	-Auguste François Marie Glaziou -Major Manuel Archer/ Adm. Tomás Nogueira da Gama / Cel. D'Escragnolle		-Josep Fontserè -Josep Vilaseca	-Alphand	-Paxton -Robinson	-Olmstead/Vaux -Elliot
TIPOS DE ESPAÇOS	-Parque Público -Jardim de mansão -Quintal de fundos e jardim frontal -Mirante e passeios -Avenida beira-mar	-Jardim botânico -Mirante e passeio -Avenida beira-mar -Praça-jardim: parque público	-Parque público -Jardim zoológico	-Pavilhão de feira industrial -Parque romântico -Estação de metrô	-Pavilhão de feira industrial -Parque romântico -Jardim botânico	-Parkway -Campus universitário -Parque urbano -Parque nacional
LINHA PROJETUAL	-Romantismo -Estilismo	-Romantismo -Estilismo	-Neoclassicismo -Romantismo	-Romantismo -Ecletismo	-Romantismo	-Regionalismo -Romantismo -Estilo vitoriano



Foto aérea da Quinta da Boa Vista
Foto: Silvio Macedo, 1999 – Arquivo PUZN



Planta geral da Quinta da Boa Vista
Fonte: Quapá, 1997

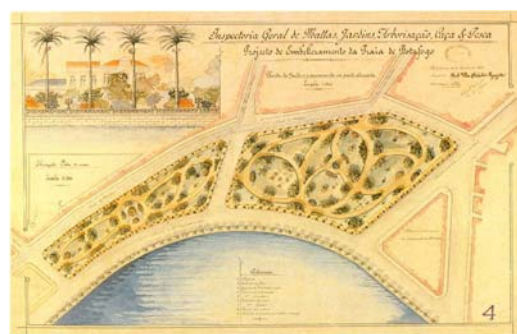
Figura 6 –Quinta da Boa Vista

Quadro 4- Arquitetura, urbanismo e arquitetura da paisagem - século XX - 1ª década

SÉCULO XX 1ª década	RIO	BRASIL	ESPANHA	FRANÇA	INGLATERRA	EUA
URBANISMO	-Plano de reformas de Pereira Passos -Formação de Copacabana	-Consolidação dos bairros-jardim em São Paulo	-O espírito novo	-Tony Garnier: a Cidade Industrial	-Cidades novas -Subúrbios ajardinados -Ruas internas com <i>cul- de-sac</i>	- <i>City Beautiful Movement</i> (1900) -Plano para San Francisco/CA -1ª lei zoneamento/ N.Yorque -Serv. Parques Naturais
PAISAGISMO	-Romantismo: obras de Pereira Passos -Formalização dos espaços livres -Influência francesa	-Romantismo -Formalização dos espaços livres -Parques urbanos	-Romantismo - <i>Art Nouveau</i>	-Romantismo - <i>Art Nouveau</i> -Formalização dos espaços livres: a renascença moderna	-Subúrbios ajardinados -Formalização dos espaços livres: a renascença moderna	-Subúrbios ajardinados -Formalização dos espaços livres
ESPAÇOS PÚBLICOS	- <i>Avenida Central</i> - <i>Praça Paris e Enseada de Botafogo</i> (Figura 7) - <i>Largo da Glória</i>	- <i>Jardim América/SP</i> (1916) - <i>Primeiros parques de São Paulo</i>	- <i>Parc Guel</i>	- <i>Bois de Moutiers</i>	- <i>Lechtworth</i> (1903) - <i>Welwin</i> (1919) - <i>Hampstead Garden Suburb</i>	- <i>Bronx River Pkwy</i> - <i>Chicago Plan</i> - <i>Forest Hills/Nova Iorque</i> - <i>Villa Vizcaya/Miami</i> - <i>Colombus Park/Chicago</i>
AUTORES	-Pereira Passos - Archimedes José da Silva -Souza Aguiar -Paul Villon	-Barry Parker -Bouvard	-Gaudi	-Luty ens e Jekyll	-Barry Parker -Raymond Unwin	-Clarke -Burnham -Irmãos Olmstead -Suarez -Jensen
TIPOS DE ESPAÇOS	- <i>Boulevard</i> -Avenida diagonal - <i>Rond point</i> -Praça-jardim	- <i>Boulevard</i> -Rua-jardim -Praça-jardim	-Parque de diversões -Jardim zoológico - <i>Promenade</i>	-Jardim formal -Plantação naturalista	-Unidade de vizinhança -Cinturão verde -Jardim comunitário -Jardim formal -Plantação naturalista	- <i>Parkway</i> -Subúrbio residencial -Parque nacional
LINHA PROJETUAL	-Urbanismo clássico francês -Paisagismo romântico inglês	-Urbanismo romântico inglês -Paisagismo clássico francês -Paisagismo romântico francês	- <i>Art Nouveau</i> -Estilo mourisco	-Formalismo -Organicismo -Industrialismo	-Organicismo -Romantismo	-Romantismo -Naturalismo



Praça Paris na Glória
Foto: Silvio S. Macedo, 1999-Arquivo PUZN



Praia de Botafogo
Fonte: CCBB, 1994

Figura 7 –Praça Paris e Praia de Botafogo

Quadro 5- Arquitetura, urbanismo e arquitetura da paisagem - século XX – 2ª e 3ª décadas

SÉCULO XX 2ª e 3ª décadas	RIO	BRASIL	ESPANHA	FRANÇA	INGLATERRA	EUROPA	EUA
URBANISMO	-Plano Agache -Quadra-bloco europeia -Desmorte do Morro do Castelo (1922) -Exposição 1922	-Bairros-jardim/SP -Cia. City de Urbanização/SP -Plano de Goiânia		-Movimento Moderno -Exposição internacional – <i>Art Déco</i> - 1922	Cidades e subúrbios novos	Exposições internacionais	-Cidades e subúrbios novos
PAISAGISMO	-Romantismo -Formalismo -Estilismo	-Romantismo -Formalismo -Estilismo -Jardim: moldura do edifício	-Formalismo	-Romantismo -Formalismo	-Formalismo com plantação natural -Romantismo	-Formalismo -Romantismo -Cubismo	-Romantismo -Jardins residenciais
ESPAÇOS PÚBLICOS	- <i>Portal do Brasil</i> -Via-parque -Av. Beira-Mar (Figura 8)	- <i>Jardim Europa/SP</i> (1924) - <i>Parque Farrroupilha/Porto Alegre</i> (1937)	- <i>Palau Nacional/Barcelona</i> - <i>Igreja Sagrada Família/Barcelona</i>	- <i>La ville contemporaine</i> (1922) - <i>Plan Voisin para Paris</i> (1925) - <i>Ville Savoie</i>		- <i>Escola de Bauhaus/Alemanha</i>	- <i>Radburn/NJ</i> - <i>Blue Ridge Pkwy</i> - <i>Falling Waters/PA</i> - <i>Taliesin West</i>
AUTORES	-Agache	-Barry Parker	-Buigas -Gaudi	-Le Corbusier		-Walter Gropius -Mies van der Rohe	-Stein e Wright -Abbot -Wright
TIPOS DE ESPAÇOS	-Avenida americana -Quadra-bloco -Via-parque	-Avenida americana -Bairro-jardim -Parque urbano -Estação de água -Jardim zoológico	-Jardim palaciano	-Torre residencial -Verde infinito	-Chalé residencial -Jardim naturalista	-Torre residencial e de escritórios -Jardim cubista	- <i>Parkway</i> - <i>Bungalow</i> -Jardim residencial
LINHA PROJETUAL	-Concepção urbanística francesa -Avenida americana	-Linha urbanística francesa e inglesa -Avenida americana	-Ecletismo - <i>Art Nouveau</i>	-Racionalismo	-Romantismo -Organicismo	-Formalismo -Romantismo -Cubismo	-Humanismo -Organicismo



Figura 8- Enseada de Botafogo e a Av. Beira Mar
Fonte: CCBB/GRG, 1994

Quadro 6- Arquitetura, urbanismo e arquitetura da paisagem - século XX - 4ª a 6ª décadas

SÉCULO XX	RIO	BRASIL	FRANÇA	INGLATERRA	EUROPA	EUA
URBANISMO	-Obras rodoviárias -Plano Doxiadis -Desmorte Morro Sto. Antônio -Plano Reidy -Mudança da capital -Decadência da área central	-Construção de Brasília -Superquadra residencial -Decadência das áreas centrais	-Movimento Moderno	-Cidades novas -Subúrbios ajardinados	-Renovação urbana -Preservação de patrimônio urbanístico e arquitetônico	-Preservação histórica -Modernismo -Organicismo -Decadência das áreas centrais
PAISAGISMO	-Modernismo -Pictorismo cubista	-Modernismo -Abandono dos estilos	-Modernismo	-Modernismo com plantaço natural	-Pictorismo cubista	-Romantismo -Jardins residenciais -Jardins de sedes de empresas
ESPAÇOS PÚBLICOS	-Avenida Pres.Vargas -Prédio do MEC -Terraço do Prédio do MEC e Parque do Flamengo (Figura 9) -Esplanada de Sto. Antônio	-Brasília -Parque do Ibirapuera/SP	-Capela de Ronchamp			-Union Square/SF -GM Technical Ct. -Sea Ranch/CA -IBM Research Ct/Nova Iorque
AUTORES	-Le Corbusier e equipe -Burlle Marx -Reidy e Burlle Marx -Reidy	-Lucio Costa/ Oscar Niemeyer -Burlle Marx	-Le Corbusier			-Pfleuger -Saarinen e Church -Halprin -Sazaki e Walker
TIPOS DE ESPAÇOS	-Avenida americana -Superquadra modernista -Parque urbano moderno -Torre residencial e de escritórios em <i>pilotis</i>	-Playground -Jardim contínuo à calçada -Calçadão em área central -Torre residencial e de escritórios em <i>pilotis</i>	-Torre residencial e de escritório em <i>pilotis</i> -Verde infinito	-Torre residencial e de escritórios	-Torre residenciais e de escritório em <i>pilotis</i> -Parque temático -Playground	-Parkway -Terraço ajardinado -Jardim residencial -Área urbana pedestrianizada
LINHA PROJETUAL	-Modernista com influência americana	-Modernista com influência americana	-Racionalismo -Rodoviarismo	-Modernismo -Organicismo -Tecnicismo	-Modernismo	-Modernismo -Pós-modernismo – início: formalismo e simbolismo



Parque do Aterro do Flamengo
Foto: Marcos London, 1998 – Arquivo PUZN



O terraço e os jardins do MEC
Foto: Silvio Macedo, 1999 – Arquivo PUZN

Figura 9 – Parque do Flamengo e Terraço e jardins do MEC

Quadro 7- Arquitetura, urbanismo e arquitetura da paisagem - século XX - 7ª a 9ª décadas

SÉCULO XX 7ª a 9ª décadas	RIO	BRASIL	FRANÇA	EUROPA	JAPÃO	EUA
URBANISMO	-Plano de Lucio Costa para Barra da Tijuca e Jacarepaguá -Construção do Metrô -Corredor Cultural -Movimentos coletivos urbanos	-Construção de Palmas -Crescimento das áreas metropolitanas -Crescimentos das periferias das cidades -Ocupação das áreas costeiras -Revitalização das áreas centrais	-Renovação urbana -Preservação das áreas centrais	-Recuperação das áreas centrais -Renovação urbana -Eventos esportivos e culturais (Olimpíadas de Barcelona)	-Construção de novas cidades	-Fortalecimento dos subúrbios -Recuperação histórica das áreas centrais
PAISAGISMO	-Modernismo -Pictorismo cubista -Jardins de condomínios	-Modernismo -Início do pós-modernismo -Jardins de condomínios	-Formalismo pós-moderno -Início do deconstrutivismo	-Paisagem arquitetônica -Neo-eclétismo -Restauração jardins históricos -De-construtivismo	-Paisagem arquitetônica -Releitura da tradição japonesa -Cenário simbólico	-Paisagem arquitetônica -Implantação de áreas p/ pedestres -Lazer e entretenimento
ESPAÇOS PÚBLICOS	-Calçada da Av. Atlântica -Jardim do BNDES -Largo da Carioca e Projeto da Gleba E (Figura 10)	-Parque do Anhangabaú/SP (Figura 10) -Terraço do Banco Safra/SP -Praça da Sé/SP -Praça Roosevelt/SP -Calçadas/Curitiba -Conjunto de Parques/Curitiba	-Beaubourg -Forum des Halles -La Défense -Parc André Citroën	-Parc del Clôt/ Barcelona -Vila Olímpica/ Barcelona	Tsukuba Civic Center	-Disney World -Lovejoy Pl./Oregon -Freeway Pk./Seattle -Harlequin Pl/Co -Piazza dell' Italia/ NO -Winter Gds/ Niagara Falls
AUTORES	-Burle Marx -Fernando Chacel	-Rosa Kliass -Burle Marx -Roberto Cardoso/SP -Equipe do IPPUC/Curitiba	-Rogers & Piano -Gilles Clément	-Daniel Freixes/ Vicente Miranda -Oriol Bohigas e outros	Arata Isozaki	-Org. Disney -Susan & Geore Jellicoe -Halprin -SWA -Charles Moore -Friedberg
TIPOS DE ESPAÇOS	-Calçada na praia -Ciclovia -Shopping center -Praça fechada -Parque urbano -Eco-museu	-Parque ecológico -Eco-museu -Calçada -Shopping-center	-Parque urbano -Parque temático -Calçada	-Renovação da orla marítima -Parque de recuperação histórica -Parque de bairro	-Parque temático -Centros cívicos	-Parque temático:lazer, spa e diversões -Calçada -Área de cais -Shopping center
LINHA PROJETUAL	-Modernista, com influência americana	-Modernista com influência americana	-Neo-eclétismo -Início do deconstrutivismo	-Neo-eclétismo -Início do deconstrutivismo	-Pós-modernismo -Deconstrutivismo	-Pós-modernismo



Vale do Anhangabaú
Fonte: Francisco Cerver, 1994



Largo da Carioca
Foto: Silvio Macedo, 1999-Arquivo PUZN



Parque da Gleba E
Foto da autora, 1999

Figura 10 - Parque do Anhangabaú, Calçada da Av. Atlântica e Parque da Gleba E

Quadro 8- Arquitetura, urbanismo e arquitetura da paisagem - século XX - final

SÉCULO XX <i>final</i>	RIO	BRASIL	FRANÇA	EUROPA	JAPÃO	EUA
URBANISMO	-Ciclovias -Projetos RioCidade -Projetos Favela Bairro -Projetos Baixada Viva	-Comprometimento ambiental dos grandes centros -Recuperação das áreas centrais -Revitalização do Pelourinho/BA	-Recuperação de setores urbanos -Organização de eventos mundiais	-Eventos esportivos e culturais (Copas,Expo Sevilha 92, Expo Lisboa 98) -Recuperação das áreas centrais e áreas portuárias	-Construção de novas cidades -Organização de eventos esportivos e culturais	-Consolidação dos subúrbios -Recuperação das áreas centrais e áreas portuárias -Diversificação das áreas comerciais
PAISAGISMO	-Pós-modernismo em áreas públicas e comerciais -Preservação recursos naturais -Áreas de lazer - condomínios -Paisagem arquitetônica -Projetos de revitalização urbana	- Pós-modernismo em áreas públicas e comerciais -Preservação recursos naturais -Áreas de lazer - condomínios -Paisagem arquitetônica -Projetos de revitalização urbana	-Neo-ecletismo -Deconstrutivismo -Paisagem arquitetônica	- Neo-ecletismo -Deconstrutivismo -Paisagem arquitetônica	-Simbolismo -Neo-ecletismo -Paisagem arquitetônica	-Neo-ecletismo -Deconstrutivismo -Paisagem arquitetônica
ESPAÇOS PÚBLICOS	-Parque da Lagoa -Praça Antero de Quental, Projetos RioCidade -Fases I e II e Parque das Ruínas (Figura 11)	-Parque Ecológico Tietê/SP -SESC-Itaquera/SP -Sede Itaú -Parque Rosinha Cadar/BH	-Parc de la Villete -Champs Elysées -Eurodisney -Parc de Bercy	-Parco Giacomo Matteotti /Catanzaro	-Parque Ibaraki/Sugeo-Numa -Museu da Vida/Urawa	- IBM,Solana/CA -Pier 7/Nova Iorque -Plaza Park/S.José -Espaços Disney -Twin Parks/Nova Iorque
AUTORES	-Burle Marx Ltda -Fernando Chacel -Vários -Ermani Freire	-Ruy Othake -Ícaro Castro Mello -Maria de Lourdes Oliveira -Marieta Cardoso Maciel	-Bernard Tshumi -Bernard Huet	-Franco Zagari	Mitsuro Man Senda	-Peter Walker -Benjamin Thompson -Hargreaves -Vários -Richar Méier
TIPOS DE ESPAÇOS	-Parque temático -Praça em centro de bairro -Parque-sede de empresa	- Parque temático -Praça em centro de bairro -Parque-sede de empresa	-Parque temático -Valorização de áreas centrais	-Parque temático -Valorização de áreas centrais	-Parque temático -Orla portuária -Parque sede de empresa	-Parque temático (ecológico, spa, lazer, tecnológico) -Orla portuária -Parque-sede de empresa
LINHA PROJETUAL	-Pós-modernista -Tropical ecológico	-Pós-modernista -Tropical ecológico	-Neo-ecletismo -De-construtivismo	-Neo-ecletismo -De-construtivismo	-Pós-modernismo -Formalismo -Simbolismo	-Pós-modernismo -Formalismo -Simbolismo



Praça Agripino Grieco no Méier
Fonte: PCRJ, 1996



Praça Antero de Quental no Leblon
Foto da autora, 1999



Parque das Ruínas em Sta Tereza
Fonte: PCRJ, 1998

Figura 11-Projetos Rio Cidade no Méier e no Leblon e Parque das Ruínas

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços livres públicos são prementes das transformações culturais e registram, de forma sistemática, a evolução de conceitos relacionados ao desenho e ao processamento do ambiente construído.

Seu projeto responde às demandas sociais e à aplicação de modelos consolidados historicamente, o que nos permite avaliar de que forma evoluiu a relação de determinados grupos sociais com o meio-ambiente nele inseridos, conforme demonstrado através do estudo da evolução tipológica dos espaços livres, segundo a concepção ocidental.

Esses aspectos determinam e condicionam a leitura museográfica dos espaços livres no meio urbano, realizada de forma dinâmica e permanente, constituindo-se em registros vivos das transformações culturais, onde a concepção de cidade e a forma arquitetônica atuam permanentemente. Para tanto foi necessário conhecer as referências e os antecedentes para formação dos padrões paisagísticos que condicionaram o desenho da paisagem e sua transformação.

No caso do Rio de Janeiro, a partir da análise dos antecedentes para a constituição dos padrões de paisagem carioca, foi possível realizar, sob o ponto de vista histórico, um estudo comparativo entre esses padrões e os utilizados por outras capitais mundiais. Este estudo foi um importante instrumento de avaliação das influências externas e de seu reatamento na modernização da paisagem da cidade, justificando e esclarecendo o momento atual.

Devido ao papel que a cidade do Rio de Janeiro exerceu como cidade-sede do governo colonial e, posteriormente, como capital da República, pode-se afirmar que a mesma esteve sintonizada, desde o século XVIII, com tendências e padrões modelados externamente, a princípio na Europa e depois nos Estados Unidos.

Quando se confrontaram as obras e projetos que moldaram os espaços da cidade com movimentos paralelos que aconteceram no exterior, descobriram-se pontos de convergência e de ressonância. Ao comparar essas transformações em outros países com as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro, pode-se concluir que, ao longo da história, os modelos e padrões externos foram utilizados a princípio pelo setor público para espaços centrais, acabando por se reproduzir, através do setor privado, ao longo do tempo e com diferentes formas de adaptação, a outros espaços da cidade, contribuindo para conformar um importante legado para a constituição do patrimônio cultural e do entendimento da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACON, Edmund. *Design of Cities*. Baltimore: Penguin, 1974.
- BAROZZI, Jacques. *Guide de 400 jardins publics de Paris*. Paris: Hervas, 1992.
- BELUZZO, Ana Maria. *O Brasil dos Viajantes*. Pesquisa FAUUSP. São Paulo: Metalivros, 1994.
- BONECHI. *Art and History of Barcelona*. Florença: Bonechi, 1996.
- CERVER, Franciso A. *World of Environmental Design – vol. I a VII*, Barcelona: Cerver/Arco, 1994.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- DEBIÉ, Franck. *Jardins de capitales*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1992.
- FAUUSP/GDPA. *Introdução a um quadro do paisagismo no Brasil*. Projeto Quapá – Coordenação: Professor Silvio S. Macedo. São Paulo: FAUUSP/CNPq/FAPESP, 1998.
- GIEDION, S. *Space, Time & Architecture*. Cambridge: Harvard, 1967.
- JELLICOE, Geoffrey e Susan. *The landscape of man*. Londres: Thames & Hudson, 1995.
- LAURIE, Michael. *Introducción a la arquitectura del paisaje*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.
- MACEDO, Silvio. *Paisagem, urbanização e litoral – do éden à cidade*. Tese de livre docência. São Paulo: FAUUSP, 1993.
- MAGNOLI, Miranda M. *Espaços livres e urbanização – uma introdução aos aspectos da paisagem metropolitana*. Tese de livre docência. São Paulo: FAUUSP, 1982.
- MANN, William. *Landscape Architecture – an illustrated history in timelines, site plans and biography*. New York: Wiley and Sons, 1993.
- SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça*. São Paulo: EDDUSP, 1993.
- SCHAMMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1994.
- VAN ZUYLEN, Gabrielle. *Tous les jardins du monde*. Evreux: Gallimard, 1994.
- VANUCCHI, Marco. *Progettare con il verde - vol.IV*. Florença: Alinea, 1996.
- ZUCKER, Paul. *Town and Square: from the agora to the village green*. New York: Columbia University Press, 1959.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

- ARQUIVO PUZN. Arquivo fotográfico da pesquisa: “Paisagem urbana na zona norte do Rio: as áreas livres públicas e seus arquétipos” – registro SAG-UFRJ 3205.
- CCBB. *A paisagem desenhada: o Rio de Janeiro de Pereira Passos*. Rio de Janeiro: CCBB, 1994.
- CCBB/GRG. *O Rio de Janeiro das Cédulas*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1994.
- CERVER, Franciso A. *World of Environmental Design – vol.II – Urban Spaces II (Urban Parks)*. Barcelona: Cerver/Arco, 1994.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1988.
- PCRJ. *Rio Cidade: o urbanismo de volta às ruas*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996
- PCRJ. *Rio de Janeiro: preservação e modernidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- QUAPÁ. Pesquisa “O Quadro do Paisagismo no Brasil”. Coord.- Prof. Silvio Soares Macedo. FAUUSP: São Paulo, 1994-.
- VANNUCCHI, Marco. *Progettare con il verde- vol.IV*. Florença: Alinea, 1996.